

# Revisitando as jornadas de junho de 2013 com os olhos de 2020

POR RAÍSSA TAVARES CORTEZ

*Graduanda em Licenciatura e Bacharelado em Geografia na Pontifícia  
Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio*

ALENCAR, Chico. **A rua, a nação e o sonho, uma reflexão para as novas gerações**. Mar de Ideias, 1.ed. Rio de Janeiro, 2013. (p. 11-116).

O autor do livro, Chico Alencar, foi deputado federal pelo Rio de Janeiro de 2003 até 2018 e escreveu “A rua, a nação e o sonho - Uma reflexão para as novas gerações” no ano de 2013, o mesmo ano em que o Brasil inteiro parou, ou melhor, se movimentou contra o aumento das passagens de ônibus. Foram produzidos dezenas de livros, monografias e artigos acadêmicos em geral sobre aquele fatídico mês de Junho de 2013, que hoje parece tão distante. Realmente, já se passaram sete anos desde que “o gigante acordou”, e não parece que tivemos qualquer reação a não ser dormir profundamente mais uma vez.

A obra que conta com o prefácio do deputado federal Marcelo Freixo e, em algumas páginas, com a ajuda do sociólogo Léo Lince, está longe de ser uma obra que romantiza o despertar da juventude e o gosto das massas pela política. Pelo contrário, no livro tanto o autor principal, quanto Freixo e Lince deixam claro as preocupações em função da crise da política representativa.

Afinal, a crise de representatividade não foi um dos motivos que levou ao fim da era PSDB e PT? Até o início de 2018, estudiosos de cenários políticos não indicavam sequer a possibilidade de vitória do Bolsonaro. O cientista político Alberto Carlos Almeida, no livro “O voto do brasileiro” (2018) apresentava exemplos internacionais de democracias consolidadas e as disputas entre partidos de direita e centro direita contra os de esquerda, apontando o quadro como tendência a se repetir no Brasil. Não ocorreu.

Nem os mais pessimistas na época das jornadas de junho apostariam que, cinco anos depois, o Brasil teria um personagem da extrema direita na presidência da república. Longe de ser pessimista, o livro de Chico Alencar traz algumas reflexões importantes de onde, como o próprio subtítulo sugere, as novas gerações poderiam tirar boas ideias acerca de militância, manifestações e *black-blocs*, agora com os olhos de uma nova década.

Há um destaque para a importância das ruas e das praças, os espaços públicos e espaços políticos, conceitos que foram muito explorados na geografia política no pós-manifestações de 2013. Esses espaços que antes eram da passagem, se tornaram os espaços da luta, espaços da democracia. O autor revela essa importância da materialidade para a manifestação - por mais que tenha se tornado um viral na

internet, que se tenha tentado reeditar uma primavera árabe, elas se concretizam somente no espaço físico. Nesse caso nas ruas e praças espalhadas pelo Brasil.

Para o autor, o gigante que acordou, voltou a dormir, mas poderá acordar em alguns anos para cobrar novamente e para culpar o Estado de suas mazelas. Há uma mensagem otimista, que é feita recorrendo ao passado. Uma analogia com o período do Segundo Império, em que revoltas populares ocorreram e arrefeceram para, dez anos depois, a monarquia dar lugar à república.

Passaram-se 7 anos e não causamos nenhuma revolução ou contra revolução. Ao contrário, Chico nos alerta para o que ocorreu naquele ano: uma irrupção. Não se tinham protestos orgânicos, organizados, não se tinham diretrizes, nem mesmo os vinte centavos eram pelos vinte centavos, o movimento - ou movimentos, gritavam que não era somente pelo aumento das passagens. Os governos não ouviram, ou fingiram que não ouviram essa parte, pois temiam o que não sabíamos que aconteceria.

A juventude foi às ruas, os sindicatos foram às ruas e a classe média foi às ruas. A sociedade mandou o seu recado, não queriam mais a corrupção. O desejo de melhoria na saúde, educação e segurança foi sendo deixado em segundo plano, e como protagonista surgia a corrupção. Os escândalos que posteriormente surgiram acarretando na prisão de 2 ex-governadores do Rio de Janeiro, e de um ex-presidente da república serviu para escandalizar ainda mais uma sociedade que bradou em 2013 “nenhum político ou partido presta”.

As manifestações de essência individuais, para o autor inorgânicas, retrato de um mundo hiper individualista e capitalista, na verdade possuía capilaridades de movimentos fascistas, conservadores ou de direita, como o MBL. Movimentos apartidários que exigiam que as bandeiras dos partidos fossem retiradas dos protestos. apontavam uma disputa de protagonismo.

Se para Chico Alencar nem a esquerda e nem a direita previram os protestos, é necessário dizer que a direita percebeu os protestos e soube liderá-los melhor que a esquerda. Talvez a arrogância de setores da esquerda, como ele aponta, possam ter sido os causadores dessa guinada à direita, ou até mesmo problemas internos em uma esquerda que é tão plural e difusa - são várias esquerdas.

Destarte a crítica ao que o autor chama de modelo liberal periférico do lulopetismo que entrou em crise, é reconhecível que até mesmo representantes políticos da esquerda endossaram o antipetismo no governo Dilma. Longe de expressar opiniões a favor do que viria a ser a derrubada de uma presidente democraticamente eleita, Chico Alencar aponta que o Partido dos Trabalhadores não tentou acabar com os problemas que causam fragilidade na democracia, o coronelismo, clientelismo, a corrupção.

Em uma breve passagem, o autor conta sobre a pesquisa feita com os manifestantes, em que 40,3% deles dizia estar ali contra a corrupção e somente 7,8% pediam melhorias na educação<sup>1</sup>.

Em seu livro o autor passeia por temas que permearam aquele ano de 2013 e continuam a permear a sociedade. A internet é posta como a ferramenta da aproximação, do aglutinamento, o principal meio de avisar que o gigante acordou e vai para as ruas. O facebook apontado como a principal rede de articulação, alvo de estranhamento no modo que a juventude se organiza sem os manuais de estratégias de guer-

1. A educação acabou tendo suas próprias manifestações, talvez muito mais orgânicas e, sem dúvidas, com muito mais brutalidade contra sua existência no movimento de ocupação das escolas em 2016. Apenas três anos após as jornadas de junho, os jovens, adolescentes em idade escolar, assumiam o protagonismo de uma luta com um propósito claro.

rilhas (p. 21). É no mínimo curioso pensar que somente sete anos atrás as *fake news* não eram sequer pauta de debate envolvendo política e internet. No livro, o autor se limita a comentar a organização - ou a falta dela-, da juventude pelas redes e sua possibilidade de causar um “viral”.

\*\*\*

O que mais marca no texto do Chico Alencar é sua visão sobre a necessidade da utopia. Essa para ele não pode ser perdida, ao contrário. Junto dela deve estar o fazer da política, o desenvolvimento da militância e os estudos<sup>2</sup>.

Além da utopia, há ainda o questionamento da fé, do acreditar sem questionar. O acreditar que o Brasil vai melhorar, ou acreditar que não há mais jeito. Nesse sentido, falta um aprofundamento na questão da religiosidade no país, algo que não pode ser dissociado da política brasileira onde vivemos um inchamento da frente parlamentar evangélica no Congresso e a bíblia vem disputando espaço com a Constituição. Faltou no livro essa análise da religião, que se fez tão presente nas pautas das eleições de 2018 e que interferem nas formulações de políticas públicas. O que é debatido por Chico Alencar é uma fé no sentido da psicanálise, muito breve, concentrada no campo das paixões, tanto quanto as ideologias.

Com passagens que citam historiadores e filósofos, críticas aos devotos do socialismo ortodoxo, que não compreendem os anseios de uma maior e diversa classe, que experimentam as maravilhas do consumo e dos problemas relacionados às crises ambientais.

O livro traz uma dúvida acerca do impacto das manifestações de 2013 no futuro político do Brasil em meio as discussões pertinentes à sociedade, aos eleitores de hoje e de dez anos no futuro.

Com um final positivo, propondo meios para se alcançar um projeto de sociedade que combine a reinvenção do socialismo com a reafirmação da liberdade, Chico Alencar demonstra uma lucidez e leitura de Brasil ímpar, como poucos políticos possuem.

Um livro de uma leitura tranquila, com pouco mais de 100 páginas, em que é possível passear pelos sentimentos que ocuparam as ruas e as praças em 2013, relembrar os anseios da juventude e compreender que a esquerda, ou o progressismo, necessitam de um projeto a longo prazo para estimular a consciência política, entre outras dezenas de propostas para alcançarmos uma sociedade mais igualitária, e, o mais importante, uma sociedade mais justa.

O livro termina com questionamentos sem respostas, e nem é preciso delas. São, assim como o autor revela, as perguntas que são importantes, muito mais do que as respostas. Há esperança nas palavras, e há esperança na história, só é preciso saber esperar e saber agir. ↗

2. Tratando sobre os estudos, há uma crítica aos marxistas ortodoxos que tratam a obra de Marx e o próprio como um messias capaz de prever o futuro e elaborar um difícil modelo de sociedade perfeita. Através de exemplos, o autor revela as falhas do modelo socialista perfeito, que nunca existiu. A China capitalista, Cuba isolada e o fracasso da União Soviética não podem ser considerados os modelos ideais para serem buscados através do socialismo, para o autor este deve continuar sendo buscado.

## REFERÊNCIAS

---

ALMEIDA, A. C. **O voto do brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2018.